

DOPING NO ESPORTE: UMA ANÁLISE TENDO COMO FOCO OS ATLETAS OLÍMPICOS BRASILEIROS E ALEMÃES

Prof. Dr. OTÁVIO TAVARES

Grupo de Pesquisa em Sociologia das Práticas Corporais e Estudos Olímpicos (GESPCEO)/
Centro de Educação Física e Desportos (CEFD)/Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)
E-mail: otavares@uol.com.br

RESUMO

O uso de doping é uma das questões mais controversas do esporte moderno. Todavia são raros os estudos centrados nos valores, motivações e atitudes dos atletas a respeito dessa questão. O objetivo deste texto é apresentar uma investigação internacional comparada entre atletas olímpicos (Sydney, 2000) brasileiros e alemães a respeito do doping no esporte. Para esta investigação foram utilizadas técnicas quantitativas e qualitativas de coleta de dados. Os resultados indicam que a atitude dos atletas em relação ao doping é condicionada por um processo de mediação entre valores morais, racionalidade instrumental e valores sociais. Desse modo é possível pensar em uma ressignificação do esporte moderno a partir dos valores e atitudes de seus praticantes.

PALAVRAS-CHAVE: Doping; atletas; esporte.

INTRODUÇÃO

Uma das possibilidades de interpretação do esporte moderno é aquela que o entende como um veículo privilegiado para a promoção de uma certa moralidade pública e de padrões de autocontrole. De fato, ante as qualidades educativas, físicas, morais e sociais historicamente tributadas ao esporte, de seu crescente valor econômico e da transformação das drogas e psicotrópicos em uma questão social controversa, o uso de drogas e de determinados procedimentos que aumentem o rendimento físico do atleta passou gradualmente a ser considerado imoral e, na esfera do esporte organizado, ilegal.

Apesar disso, nos dias atuais, há no senso comum uma crença tão disseminada sobre o uso de drogas no esporte de alto-rendimento que o debate costuma concentrar-se em “como” e “quando” se dopa em lugar de perguntar-se “quem” se dopa. De modo contraditório a essa percepção, os dados internacionais a respeito de casos positivos de doping indicam que apenas 1% dos testes de controle de dopagem apresentam resultado positivo¹. Se o número de casos positivos nos últimos jogos olímpicos indica que talvez o uso de doping não é tão intenso, por outro lado, nada indica que ele está restrito a uma proporção de atletas tão pequena. Uma vez que os métodos dopantes parecem ser efetivos, ele continuará sendo um caminho tentador de melhora da performance. Por outro lado, de acordo com a ideologia geral da prática esportiva, seu uso é moralmente errado, ilegal e insalubre. Parece claro que os atletas situam-se então diante de um dilema.

Na verdade, as possibilidades de conhecimento sobre as razões e a extensão do uso de doping no esporte são bastante complexas. As observações analíticas do problema são difíceis uma vez que o uso de procedimentos dopantes dificilmente é diretamente observável. Como nos lembra Bette (1995, p. 242),

Tão logo um comportamento desviante se inicia a informação se torna controlada e barreiras de comunicação são erguidas tanto dentro do grupo desviante quanto para o lado externo. Atletas que tomam substâncias proibidas, médicos que as prescrevem, treinadores que as administram e dirigentes que conduzem seu uso não irão colocar suas carreiras e reputações em risco contando a verdade. Deste modo o comportamento dopante não pode ser examinado com a metodologia tradicional da pesquisa social empírica.

1. Nos Jogos Olímpicos de Atenas (2004) foram realizados aproximadamente 3 mil exames com aproximadamente trinta resultados positivos. Este resultado, maior do que o obtido nos Jogos de Sydney (2000) foi interpretado como um efeito do aperfeiçoamento do controle antidopagem internacional. Maiores informações podem ser obtidas em <http://www.wada-ama.org/docs/web/communications/publications/reports/athensreport.pdf>

Contrariamente ao que se possa pensar, o uso de doping não pode ser facilmente compreendido e explicado. Explicações focalizadas nos indivíduos geralmente reduzem o problema a motivações individuais e sensações subjetivas, personificando o uso de drogas como um problema individualizado. Por outro lado, explicações de caráter totalizante, ao privilegiar as noções de sistema, relevam o grau de liberdade dos indivíduos diante das organizações sociais e a noção de sujeito moral. Assim, estamos quase sempre diante de interpretações que se situam na dicotomia entre autonomia e dominação.

Algumas explicações sociológicas sobre o doping enfocam a cultura, o sistema social, as subculturas esportivas, as influências de líderes e treinadores. Lüschen (1984) usou a teoria da anomia de Merton para explicar como um comportamento desviante usa meios ilícitos para atingir aos objetivos socialmente aceitos. Johansson (1987), propunha que a visão humanística oficial do movimento olímpico tem sido gradual e continuamente por um sistema moderno, realista e orientado para a vitória no qual o doping é aceito. Breivik (1992) fez uso da teoria dos jogos para a análise do “jogo do doping” que aponta teoricamente para uma tendência de seu uso como uma estratégia racional mesmo quando os valores e objetivos dos atletas não são direcionados para isso.

Segundo o filósofo alemão Gunter Gebauer (1991), porém, na medida em que as objetivações e valores da competição não são prescritas pelos praticantes, há uma “demanda ética fundamental” para transformar a relação dos atletas da representação formal para o diálogo, de modo a “ampliar o entendimento da realidade material e simbólica do esporte e dos jogos olímpicos” (Gebauer, 1991, p. 470). Todavia, são raros os estudos dedicados a analisar o esporte a partir dos princípios, motivações e atitudes dos atletas. O exame da produção acadêmica internacional² revela a existência de apenas dois trabalhos que se dedicam a tematizar o atleta, seus valores, concepções e atitudes a respeito dos valores do esporte em seus múltiplos aspectos (Cagigal, 1975; Czula, 1978)³. Como havia observado anteriormente,

diversos autores têm optado por abordagens de caráter macro-sociológico, sincrônico e/ou diacrônico, limitando suas análises e estudos ao nível das instituições e seus dirigentes,

2. Um levantamento foi conduzido através do sistema de indexação *Sport Discus*, com o cruzamento das palavras-chave “*athletes*”, “*olympic*”, “*olympism*”, “*meanings*”, “*values*” e “*conceptions*”, sem restrições.
3. Minha experiência em acompanhar a literatura nacional e internacional sobre o tema indica que são realmente bastante raras investigações sobre as concepções e atitudes dos atletas a respeito de aspectos do esporte de um modo geral, seja ele olímpico ou não. Parece-me que o caráter público da atividade atlética dá uma impressão de tal transparência ao fenômeno que cria a idéia (falsa) de que ele é auto-evidente não necessitando ser pesquisado.

ou confrontando análises situacionais aos fundamentos do Olimpismo conforme propostos por Coubertin, reduzindo ao mínimo as abordagens centradas nos atletas, ainda que autores como Constantino (1995), Ren (1995) e Seppanen (1987) reconheçam serem eles a razão de todo o sistema (Tavares, 1998, p. 27).

Isso não é de fato surpreendente quando revisões de literatura a respeito do estágio de desenvolvimento das ciências sociais “do esporte” (Alabarces, 2002; Maguire, 2003) indicam a jovialidade da área, o que sugere que abordagens particulares desse tipo ainda estão em processo de constituição.

Em face dessas observações, o objetivo deste texto é apresentar uma investigação internacional comparada sobre as atitudes dos atletas brasileiros e alemães que participaram dos Jogos Olímpicos de Sydney (2000) com relação ao uso de doping no esporte. Assim, parece importante que se apresente inicialmente o contexto teórico-epistemológico e os procedimentos metodológicos que guiaram essa investigação⁴.

CONSTRUINDO A TEIA TEÓRICO-METODOLÓGICA DA INVESTIGAÇÃO

Segundo Hardman (2003), o campo dos estudos comparados em esporte e educação física constitui uma área relativamente nova. Segundo esse autor,

O estudo comparado avançou das narrativas descritivas iniciais do “o que”, através da tradição histórico-explicativa formativa, para métodos sistemáticos e compreensivos de coleta de dados na tradição das ciências sociais para revelar o “porque” e o “como” de sistemas desenvolvidos e em desenvolvimento.

Obras de referência em pesquisa social comparada como as de Ragin (1987) ou de Oyen (1992) enfatizam que, embora os estudos comparados tenham sua singularidade, eles são baseados nos mesmos princípios usados nas ciências sociais de um modo geral⁵. Basicamente o que se desenvolve são as buscas por semelhanças e diferenças nos cenários em investigação. As semelhanças, geralmente mais amplas que as diferenças, corroboram hipóteses, ajudam verificar e/ou afinar conceitos e teorias e são relacionadas a ligações estruturais. As diferenças, por outro lado, são muito mais difíceis de explicar e em comparações interculturais devem ser

4. Esta investigação, na verdade, é parte dos estudos desenvolvidos para minha tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho (RJ) e aprovada em fevereiro de 2003.

5. Uma boa revisão dos problemas específicos da pesquisa comparada em confronto com os problemas mais gerais das ciências sociais pode ser encontrado em: Oyen (1992, p. 1-18).

atribuídas a fatores específicos nos diferentes níveis de análise. Contudo, uma vez que dificilmente poderíamos classificar nossos respondentes como representantes típicos de suas culturas é preciso afirmar logo que este estudo não tem por objetivo compreender e explicar como a questão do doping é interpretada em culturas diversas, mas sim levantar indicadores importantes sobre a atitude de atletas de alto-rendimento sujeitos a dinâmicas socioculturais singulares, assumindo e mantendo, portanto, a tensão entre indivíduo e sociedade.

Nesse sentido, segundo DaCosta (1999, p. 64),

Em princípio, enquanto a atividade atlética requer controle nas macrorrelações, a identidade simbólica do homem em seu ambiente pluralístico engloba valores e experiências contingentes em microrrelações, demandando acima de tudo uma nova abordagem do equilíbrio.

Com efeito, a maioria dos processos e fenômenos é entrelaçada em múltiplas interdependências, o que indica que em apenas alguns poucos casos é possível extrair-se uma explicação a partir de uma única teoria. Dessa feita, tentando construir uma imagem produtiva, mas que não quer representar um esquematismo, proponho que os valores conjugados pelos atletas durante a prática esportiva competitiva possam ser entendidos como que organizados em círculos concêntricos, o que projeta um modelo de análise articulado entre o micro e macro.

Um *primeiro círculo* ou nível mais imediato de relações é dado pelas próprias modalidades esportivas entendidas como subculturas esportivas formadas pela conjugação singular de suas tradições e valores. Um *segundo nível* é dado pelo próprio sistema do esporte de alta competição. Embora ele e a ideologia olímpica possam ser associados, um não se reduz ao outro uma vez que possuem distinções. O sistema esportivo de alta competição como um todo é um fenômeno que transborda os jogos olímpicos em direção a outras dimensões do esporte contemporâneo enquanto que a ideologia olímpica, que tem seu *locus* privilegiado nos jogos olímpicos e no movimento que gravita em torno dele, é também uma referência para o esporte de alto nível. Dessa forma, o foco da análise se dá num sistema de inter-relações que se oferece como um fenômeno a cada quatro anos, mas que mantém um campo de influências relativamente constante.

A ideologia olímpica (o olimpismo) constitui-se no *terceiro círculo de influências* sobre as atitudes dos atletas. Por fim, uma vez que os sujeitos desta pesquisa não podem ser considerados como indivíduos desenraizados, um *último nível de influências* a ser considerado é dado pela cultura num sentido lato.

Assim, tomando como referência a problematização exposta e os pressu-

postos epistemológicos anteriormente mencionados, esta investigação desenvolveu-se dentro de um contexto teórico delimitado em primeiro lugar,

- a) pelo conceito de modalidade esportiva como uma subcultura a partir do arranjo específico de seus valores técnicos, éticos e estéticos conforme proposto por Hugo Lovisoló (1995);
- b) pela teoria de totalização do sistema esportivo de alto nível de Kalevi Heinilä (1982);
- c) pelo *corpus* de valores do olimpismo como uma ideologia e uma metateoria de prática definida a partir do conceito de ideologia de Paul Ricoeur (1983); e
- d) pelas obras de interpretação do *habitus* de Brasil e Alemanha de Sergio B. Holanda (1995) e Norbert Elias (1997), respectivamente.

Por fim, tendo em vista que os problemas relativos a variância e equivalência são sempre críticos em estudos comparados, e que de acordo com Teune (1992, p. 48) “qualquer conjunto de categorias criará desvios nas observações”, a flexibilidade observacional torna-se um requisito importante. Para esse autor, “em qualquer evento, as estratégias para a avaliação de propriedades equivalentes têm se tornado pragmaticamente flexíveis, adaptando-se ao contexto” (1992, p. 54). Essas constatações são homólogas àquelas de Hardman. Para esse revisor dos estudos comparados em esporte e educação física,

os estudos comparados não tentam mais definir uma única metodologia e nenhum método sozinho se desenvolveu como um cânone. [...] Abordagens empíricas quantitativas estabelecendo correlações tem sido enriquecidas pelo paradigma qualitativo procurando obter entendimento e interpretação dos processos e revelar causalidade (2003, p. 73).

Uma vez que este estudo busca construir comparações mais conceituais do que literais, procuramos adotar uma abordagem metodológica que combine técnicas quantitativas e qualitativas pelo uso de diferentes instrumentos de coleta de dados. O objetivo foi por meio de aproximações sucessivas dar conta dos diversos níveis de influência e relação teoricamente estabelecidos para esse caso. O uso combinado de questionários com escalas de atitude do tipo de Likert e questões abertas, entrevistas e técnicas de observação etnográfica evidenciam-se como adequados às características deste estudo. As conclusões obtidas a partir desse grupo particular de atletas deve, contudo, ser avaliada em comparação a evidências obtidas de outros casos e populações.

Exatamente 202 atletas do Brasil 442 da Alemanha tomaram parte nos Jogos Olímpicos de Sydney (2000). Por razões metodológicas foram considerados apenas os atletas que participaram em esportes que eram comuns aos dois grupos. O número total de atletas investigados foi de 548 (Brasil: $n = 184$; Alemanha: $n = 364$). Desse universo responderam ao questionário 42 atletas brasileiros e 125 atletas alemães. Adicionalmente foram feitas 9 entrevistas com atletas brasileiros e 11 entrevistas com atletas alemães.

O USO DO DOPING NA VISÃO DOS ATLETAS⁶

Brasileiros e alemães declaram níveis bastante altos de rejeição ao doping como uma ajuda justa ao desempenho (92,3% e 98,3%, respectivamente), muitas vezes por meio de uma linguagem bastante forte (“doping suja o esporte” BRA; “o doping destrói o esporte” ALE). O resultado obtido na Alemanha é praticamente igual aos 97,2% obtido por Müller et al. em 1996 para uma questão sobre a mesma temática, revelando a consistência dessa posição para aquela população.

A comparação revela haver uma diferença significativa entre brasileiros e alemães ($p < 0,0005$). Considerando que essa atitude está relacionada ao controle do comportamento dos atletas e suas relações mútuas, parece-me que a diferença encontrada está relacionada a variações no que Norbert Elias chamou de “gradiente de formalidade-informalidade”⁷. O nível mais alto de autocoesões presente no *habitus* alemão, sua necessidade de demonstrar uma atitude pacífica diante do mundo, seus códigos de comportamento discreto dados mais por negações do que afirmações, explicam o resultado encontrado. Tal interpretação ganha peso quando se considera os problemas causados pela descoberta dos programas de desenvolvimento de dopagem da antiga Alemanha Oriental (“Desde de 1991 não se ouve falar muito de doping na Alemanha” ALE).

No caso brasileiro, por sua vez, tal resultado representa uma grande mudança, uma vez que o estudo com os atletas que competiram em Atlanta 1996 (Tavares, 1998) revelou que apenas 63,3% dos respondentes rejeitavam o uso de doping. Esse crescimento pode estar relacionado com um aumento das campanhas e instrumentos de controle antidoping nacional e internacionalmente e ao enfoque crescente no uso de doping como um desvio de comportamento social.

6. As citações apresentadas nesta parte do texto foram retiradas das entrevistas e questionários aplicados. Neste trabalho será identificada exclusivamente a nacionalidade do respondente.

7. O gradiente de formalidade/informalidade realmente que se propõe indicar é, sobretudo, a extensão e o rigor de rituais sociais que ditam o comportamento das pessoas em suas relações mútuas.

O doping também é visto como um dos principais pontos negativos dos Jogos (Tabela 1). Em um quadro com alguma dispersão de categorias, o “doping” para ambos os grupos e a “comercialização excessiva” para os alemães destacam-se como os principais pontos negativos citados. É interessante notar também como parece refletir entre os atletas a percepção generalizada de que o doping é uma prática extensiva no esporte de alto rendimento, o que pode sugerir que a percepção do senso comum anteriormente mencionada está correta, uma vez que eles foram gerados por informantes “de dentro” da prática esportiva⁸.

TABELA 1 – PONTOS NEGATIVOS DOS JOGOS OLÍMPICOS DE SYDNEY PARA OS ATLETAS DE BRASIL E ALEMANHA EM PERCENTUAIS DE RESPOSTA

CATEGORIAS	BRA	ALE
Doping	20%	22%
Comercialização excessiva	6%	29%
Burocracia/organização	6%	9%
Falta de apoio	6%	NM
Desigualdade de tratamento	8%	9%
Corrupção	NM	2%
Excelência	4%	9%
Terrorismo/política	2%	9%
Outros	16% ⁹	5% ¹⁰
Nenhum	33%	6%

NM – Não mencionado

A visão construída a partir da opinião a respeito dos pontos negativos dos Jogos ganha solidez quando são observados também os elementos que na visão dos respondentes ameaçam mais o futuro da competição.

Observou-se também que as opiniões mais críticas em relação aos Jogos foram encontradas principalmente nos atletas com melhores resultados. Talvez essas manifestações críticas indiquem a combinação entre alta capacidade competitiva

8. Observe-se a presença, entre aqueles que citam o doping como um problema, de esportes tradicionalmente associados ao uso de drogas como o remo, natação, atletismo, ciclismo e levantamento de peso.
9. Foram citados, entre outros elementos, o “preconceito”, o “vandalismo”, o “excesso de diversões” e “a distribuição de preservativos na Vila Olímpica”.
10. Foram citados: “a falta de espaço para a vida particular”, “derrota”, “imprensa”, “violência” e “diversos”.

TABELA 2 – FATORES QUE MAIS AMEAÇAM O FUTURO DOS JOGOS OLÍMPICOS EM FREQUÊNCIA E PERCENTUAL DE RESPOSTAS DADAS

Fatores	Brasil		Alemanha	
	N	%	N	%
Doping	27	33,33	103	37,87
Comercialização excessiva	10	12,35	74	27,21
Terrorismo	26	32,10	41	15,07
Nacionalismo exagerado	7	8,64	23	8,46
Excesso de participantes	2	2,47	9	3,31
Excesso de modalidades	1	1,23	22	8,09
Outros	8	9,87	—	—
Total	81	100	272	100

e uma atitude positiva em relação à idéia de *fair play*, tornando-os mais sensíveis às violações da ética esportiva que possam vir a ameaçar suas chances de vitória. Ou simplesmente o temor, no caso especialmente dos brasileiros, de que o uso de técnicas químicas para o aumento de desempenho possa atuar em favor dos atletas oriundos de países mais bem dotados de recursos e tecnologia. Como afirmou um respondente finalista em Sydney: “Antes era por esporte, hoje por dinheiro. Com isso veio também o doping e com isso brasileiro fica atrás”¹¹.

Olhados a partir de uma perspectiva geral que engloba outros elementos avaliados no âmbito do conceito de *fair play*, este estudo confirma o que havia sido sugerido em investigação anterior a respeito da diferença de atitude entre atletas de modalidades individuais e coletivas (Tavares, 1998, p. 103).

[...] ainda que o respeito as regras seja uma cláusula necessária a própria existência do esporte, diferentes 'culturas' de relações entre atletas, árbitros e regras, formadas nas tradições dos próprios esportes, parecem produzir efeitos em relação à idéia de *fair play*.

Além da formação de subculturas esportivas mais ou menos específicas como fator interveniente, também o resultado alcançado em Sydney revelou-se uma variável importante. Os resultados por performance mostram que os atletas que ganharam medalhas em Sydney têm uma atitude menos positiva que aqueles que obtiveram colocações posteriores em ambos os grupos sendo que no caso da amostra brasileira a diferença é significativa entre os três subgrupos. Como os resul-

11. Não é possível deixar de observar que os resultados brasileiros nos últimos Jogos foram bastante superiores aos da época do amadorismo oficial.

tados demonstram, os atletas vencedores não negam o *fair play* como um princípio mas o valorizam menos. Muitas vezes pode obter-se sutis declarações de apoio e/ou aceitação tácita do uso de doping.

Com relação a anabolizantes e estimulantes, eu fico imaginando que isso possa acontecer no meu esporte. Eu não acho que seja uma questão. Não vejo puritanismo. Atletas podem fazer uso. Eu particularmente nunca fiz uso, como eu te falei, voluntariamente...que um médico tenha me receitado. Eu jamais fiz uso desse tipo de estimulante ou anabolizante. Mas eu acredito que isto possa sim. Porque é um esporte que tem uma carga física violenta e eu tive pensando, às vezes a gente procura sempre cotejar os nossos parâmetros com os parâmetros de fora, com atletas de alto-nível, e às vezes a gente fica vendo que muitas vezes a gente está num patamar muito distante (BRA).

Os dados coletados não nos autorizam afirmar que esse resultado confirma por completo a tese de que a espiral de competição e a supervalorização do sucesso significam uma nova ética da efetividade da maneira como foi proposta por Heinilä. Na verdade, contrapondo abordagens em busca de mediações, os resultados podem ser interpretados como uma demonstração de como a “perspectiva interna do praticante” de que nos fala Gebauer (1991) ajuda a definir o jogo para os respondentes desta pesquisa. Ao contrário da efetivação de uma tendência em direção a um “mau comum”, que é a consequência pessimista que Heinilä aponta (1982, p. 248), a perspectiva interna do praticante, os valores éticos das diversas modalidades esportivas, a excelência e competitividade compõem uma relação complexa que é muitas vezes instrumental (“se eu reagir e tentar provocar o adversário eu vou me *estressar* tanto que daqui a pouco eu vou até sair do jogo e meu objetivo não seria este” BRA), mas que quase sempre está em busca de uma justa medida entre o *fair play* como valor e a competição como uma experiência essencialmente imediata e prática (“Ali é que você briga consigo próprio. Você briga com seus valores morais. É o anjo e o diabinho dentro de você. É difícil lidar com isto” BRA. “Manter a competição apenas dentro da competição” ALE).

Voltando ao exame mais específico das relações entre valores positivos e negativos dos Jogos, notou-se que há uma condenação específica ao seu aspecto comercial. Segundo a maioria dos respondentes, eles “estão deixando de ser um evento esportivo para ser um meio de ganhar dinheiro” (BRA), ecoando críticas que não se suporia que seriam acolhidas pelos atletas. Essas opiniões apresentam aparentemente um paradoxo, uma vez que o esporte já pode ser encarado como uma profissão socialmente aceita. Por outro, a carência de verbas para o desenvolvimento profissional é uma reclamação sempre constante entre os atletas, especialmente nas modalidades menos conhecidas, mesmo entre os alemães. Como poderia ser que alguns atletas reclamassem de uma feição mais comercial para o evento

TABELA 3 – PONTOS POSITIVOS DOS JOGOS OLÍMPICOS DE SYDNEY
PARA OS ATLETAS DO BRASIL E ALEMANHA EM PERCENTUAIS DE RESPOSTA

Categorias	BRA	ALE
Conhecimento, confraternização, integração, "espírito olímpico"	46,29%	60,16%
Excelência	27,77%	16,10%
Organização	9,25%	5,08%
Representar o país	9,25%	2,54%
Reconhecimento pessoal	1,85%	0,84%
Outros	5,55% ¹²	15,25% ¹³

que é "a vitrine para todos os esportes" (BRA)? Na realidade, essas atitudes parecem indicar o efeito ideológico do olimpismo a que eles estão sujeitos especialmente durante os Jogos do que a negação do *status* de profissão, e por consequência do envolvimento de dinheiro no esporte atual.

O exame da listagem dos pontos positivos dos Jogos na visão dos atletas (Tabela 3) reforça esta interpretação.

A valorização das idéias de confraternização, conhecimento, integração e "espírito olímpico" é basicamente engendrada pelos elementos rituais (as cerimônias de abertura e encerramento) e o caráter poliesportivo e multicultural dos Jogos, justamente seu diferencial em relação a outras competições esportivas. Isso é o que ajuda a construir ativamente seu acervo de imagens positivas e um julgamento moral positivo¹⁴.

No campeonato mundial conhecemos atletas de outras nações, porém limitados àqueles que moram no mesmo hotel. Nos Jogos Olímpicos conhecemos atletas do mundo inteiro na Vila Olímpica, não simplesmente da própria modalidade esportiva, mas sim de todas as modalidades (ALE).

Por outro lado, outro ponto positivo, porém menos freqüente, diz respeito à qualidade dos Jogos como expressão da excelência esportiva. Pareceria ilógico que a excelência não fosse um de seus pontos importantes para atletas de alto nível.

12. Foram citados, entre outros elementos, "beleza dos esportes", a "interação com o público", "tudo".

13. Foram citados, entre outros elementos, a "periodicidade", a "competição, a "divulgação esportiva" ou mesmo "tudo".

14. Na verdade, outros elementos desta investigação, impossíveis de serem apresentados agora, indicam a presença entre os atletas de uma visão da experiência olímpica e dos Jogos que chamei de "onírica".

Uma das razões da alta valorização dos Jogos está relacionada ao fato que os atletas percebem-se como que uma comunidade diferenciada e superior. Compreende-se então como pontos positivos, mais acentuadamente para os brasileiros mas igualmente válidos para os alemães, os efeitos benéficos que os Jogos podem exemplificar: “a superação dos limites do homem” (BRA), “mostrar que o atleta com dedicação ultrapassa barreiras e que o ser humano quando quer supera qualquer obstáculo [sic]” (BRA). Ou mesmo, o “desenvolvimento das regiões dos países onde acontecem os jogos (participação do Greenpeace)” (ALE), “uma super estrutura que após os Jogos pode ser aproveitada; gerar empregos; incentivo ao esporte e saúde...” (BRA), “porque eles são a maior aventura de nossa época” (ALE).

Há, evidentemente, opiniões de caráter oposto (“trata-se somente de sucesso e dinheiro” ALE), mas é possível dizer que predomina entre os alemães uma crítica de caráter romântico em relação aos Jogos, na qual o doping e a comercialização demasiada aparecem como um sinal de sua degradação e de seus valores. Os brasileiros, por seu turno, embora também assinalem o doping como a principal ameaça ao futuro dos Jogos, possuem uma atitude menos romântica (ou mais pragmática)¹⁵. Desse modo, pareceu mais preocupante aos brasileiros um elemento naquele momento contingente como o terrorismo do que a comercialização excessiva¹⁶. Não é coincidência, então, que sejam exatamente os alemães que apontem com maior ênfase para uma conexão entre a comercialização dos Jogos, a super valorização da vitória e a conseqüente ocorrência do doping (“Não é possível competir e ganhar no esporte de alto nível sem o uso de drogas. Há muito dinheiro envolvido nisto”; “O esporte se tornou cada vez mais comercializado. Há pressão por dinheiro e melhores resultados”). Tal opinião não é entretanto exclusiva dos alemães uma vez que também era encontrável entre os brasileiros (“Hoje não existe mais “o importante é competir” como citava o Barão de Coubertin; o doping está sempre presente, a mídia e o dinheiro comanda [sic] o show e privilegia só alguns” BRA).

De todo o modo, deve ser observado que um dos mais constantes argumentos nas análises críticas ao esporte de alto rendimento de um modo geral e ao movimento olímpico contemporâneo, especificamente se situam, de maneira con-

15. Embora o caráter “cordial” (Holanda, 1995) e “semi-tradicional” da sociedade brasileira (DaMatta, 2003) tenha produzido efeitos sobre a vinculação entre *representação esportiva e nação* e sobre as noções *superioridade esportiva* e *superioridade nacional*, no que se refere ao doping, especificamente, os traços das sociabilidades distintas de Brasil e Alemanha não apresentaram efeitos que pudessem identificar diferenças importantes.

16. A coleta dos dados foi feita antes dos ataques terroristas de setembro de 2001.

servadora e estereotipada a meu ver¹⁷, na percepção de um exacerbado e quase exclusivo interesse financeiro dos atletas pela prática esportiva. As análises de autores como Bracht (1997) no Brasil, Lenskyj (2000) na América do Norte e Prokop (1971) na Europa, tendem a reduzir a relação do atleta com a prática esportiva de um modo geral e com os jogos olímpicos em particular à lógica das relações capitalistas de produção. Sendo esse argumento verdadeiro, seria de se supor que a renda e/ou sucesso financeiro obtido com a atividade esportiva colocasse-se acima de qualquer valoração de ordem moral e cultural, ou que, pelo menos, produzisse efeitos sobre suas atitudes em relação ao olimpismo. Os dados empíricos¹⁸ parecem contradizer estas percepções¹⁹.

Por fim, observados segundo um plano mais pessoal, exatamente por ser o doping um tema controverso, durante as entrevistas os atletas apresentaram uma atitude defensiva. Questionados sobre a possibilidade de competir e ganhar sem o uso de drogas, as respostas freqüentemente encaminhavam-se para um discurso de auto-exclusão. Se há doping, não há no “meu esporte” e/ou “nem seu uso por mim” (“Eu sou a prova viva disso [que é possível ganhar sem o uso de doping] BRA”; “Eu tenho sorte de que em nosso esporte [remo] o doping não seja muito importante” ALE; “Em alguns esportes é muito difícil ganhar sem o uso de drogas. No remo eu só posso falar por mim” ALE).

Examinada em seu conjunto, a atitude dos atletas por vezes leva a uma situação paradoxal na qual a auto-exclusão combina-se ao sentimento de que o uso do doping é algo generalizado (“Eu só conheço um atleta limpo no esporte que sou eu mesmo” ALE). Esse paradoxo que combina uma visão indulgente ou otimista de sua própria situação combinada com uma visão pessimista do conjunto na qual está inserido (Tabelas 2 e 3). Fenômeno, aliás bastante comum em pesquisas de opinião.

17. Sem nos estendermos demais aqui, penso que tais críticas podem ser consideradas como possuídas de um viés conservador, pois parecem pressupor a existência, perdida agora, de uma origem pura e desinteressada da prática esportiva moderna que a remuneração, a profissionalização, o aburguesamento e o capitalismo vieram corromper irremediavelmente, o que é anti-histórico.

18. Como pude demonstrar em meu estudo de mestrado, a atitude dos atletas brasileiros presentes aos Jogos Olímpicos de Atlanta em relação aos valores proclamados do olimpismo era positiva mas mediada pelos valores da excelência e da competição. Mais especificamente, comprovou-se que essa atitude não era significativamente influenciada por sua condição econômica, o que foi interpretado na época como um efeito da transição entre classes econômicas característica entre atletas de sucesso recente. Por outro lado, notei uma dimensão afetiva na prática esportiva, revelada por signos de linguagem, que mantinha uma relação subjetiva de prazer, emotividade e realização pessoal com o esporte e com os jogos olímpicos que ia além da dimensão racional do trabalho.

19. O termo “percepções” não é gratuito aqui. Se há algo em comum entre os estudos críticos anteriormente citados, é a ausência de dados empíricos, situando-se todos no plano da *doxa*.

CONCLUSÃO

Os dados não nos autorizam a entender senão que há uma condenação moral ao uso de drogas. Mas, ela corresponderia a uma recusa de fato? Não era objetivo deste estudo determinar, quanto ou mesmo como os atletas se dopam. Os dados levantados não permitem fazer esse tipo de inferência.

Pode-se traçar um quadro otimista considerando que os percentuais de rejeição ao doping são muito maiores do que sua menção como um problema em Sydney. Por outro lado, também é possível perspectivar um quadro pessimista uma vez que o percentual de menções ao doping como um problema que ameaça o futuro dos jogos olímpicos é maior do que aquele que o aponta como um problema dos Jogos de 2000.

Quanto às entrevistas, não seria razoável esperar que os atletas que porventura fazem uso de drogas proibidas viessem a por em risco suas carreiras assumindo o uso publicamente, a despeito de toda e qualquer garantia que pudesse ser dada. Porém, se a opinião dos atletas for tomada não apenas como um paradoxo, mas também como um discurso de autoridade, uma visão de quem está "de dentro", é possível supor que para uma parcela dos atletas a atitude moral não corresponda a uma atitude prática de igual teor. Ou seja, tal como em outras dimensões do *fair play*, apesar das restrições de ordem moral e social os atletas podem encontrar razões válidas para o uso de substâncias dopantes.

Como foi demonstrado, as opiniões e atitudes dos atletas em relação ao doping são produto das mediações que fazem entre valores de origens diversas. Penso que um modelo de mediação a partir de valores em tensão e conciliação explica com mais precisão os resultados encontrados. Desse modo, esse processo de mediação desenvolve-se numa articulação entre um nível macro (valores; sistemas; controles) e um nível micro (valores; indivíduos; autodeterminismo) que passa, em maior ou menor grau, todos os elementos investigados. Assim, é possível dizer que a relação entre os atletas e os valores proclamados do esporte de um modo geral não é inequívoca, excedendo tanto observações particularistas quanto visões totalizantes.

Por fim, o que se observa é uma dissonância pragmática entre valores morais, determinantes sociais e razões práticas. Isso, em tese, demonstra que a perspectiva interna do praticante pode apontar para uma ressignificação dos fundamentos morais e sociais do esporte.

Doping in sport: an analysis focused on brazilian and german olympic athletes

ABSTRACT: Doping is one of the most controversial questions in modern sport. However, the studies that investigate athlete's values, motivations and attitudes toward this question are very rare. The aim of this paper is to present an international comparative research with brazilian and german olympic athletes (Sydney, 2000) regarding doping in sport. It was used in the investigation qualitative and quantitative methods of data collection. The results indicate that athlete's attitudes toward doping is conditioned with a process of mediation between moral values, instrumental rationality and social values. In this way, it's possible to propose a re-signification of modern sport through values and attitudes of their main social actors.

KEY-WORDS: Doping; athletes; sport.

Doping en el deporte: una análisis de los atletas olímpicos de Brasil e Alemania

RESUMEN: El doping es uno de los temas centrales en el deporte moderno. Son escasas las investigaciones sobre los valores y motivaciones que llevan a los atletas al doping. El objetivo de este trabajo es presentar una investigación internacional comparativa entre atletas olímpicos de Brasil e Alemania (Sydney, 2000). La encuesta utilizo técnicas cualitativas y cuantitativas. Los datos indican que las actitudes de los atletas se ubican entre valores morales, instrumentales y sociales. Como conclusión es posible pensar en una resignificación del deporte moderno a partir de los valores y actitudes de sus propios practicantes.

PALAVRAS-CLAVES: Doping; atletas; deporte.

REFERÊNCIAS

ALABARCES, Pablo. Treinta años de ciencias sociales y deporte en América Latina: un balance. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 26., 2002, Caxambú. *Anais...* São Paulo: Anpocs, 2002. 1 CD-ROM.

BETTE, Karl-Heinrich. Doping: studies in the sociology of deviance. In: _____; Rütten, A. (Eds.). *International sociology of sport: Contemporary Issues*. Stuttgart: Verlag Stephanie Naglschmid, 1995, p. 241-251.

BRACHT, Valter. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Centro de Educação Física e Desportos, 1997.

BREIVIK, Gunnar. Doping games. A game theoretical exploration of doping. *Int. Rev. for Soc. of Sport*, 27(3), 1992, p. 235-253.

CAGIGAL, Jose M. The pedagogic evaluation of the olympic games: a survey. *FIEP Bulletin*, 45(4), 1975, p. 48-56.

CZULA, Roman. Sport and olympic idealism. *International Review of Sport Sociology*, 2(13), p. 67-79, 1978.

DaCOSTA, Lamartine P. O olimpismo e o equilíbrio do homem. In: Tavares O.; DaCosta, L.P. (Eds.). *Estudos olímpicos*. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1999. p. 50-69.

DaMATTA, Roberto. Em torno da dialética entre igualdade e hierarquia: notas sobre as imagens e representações dos jogos olímpicos e do futebol no Brasil. *Antropolítica*. Niterói, n. 14, p. 17-39, 1 sem. 2003.

ELIAS, Norbert. *Os alemães*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

GEBAUER, Gunter. Citius-Altius-Fortius and the problem of sports ethics: a philosopher's viewpoint. In: LANDRY, F.; LANDRY, M.; YERLÈS, M. (Eds.). *Sport... the third milenium*. Quebec: Les Presses de l'Université Laval, 1991, p. 467-473.

HARDMAN, Ken. Comparative physical education and sport. In: HAAG, Herbert (Ed.). *Directory of Sport Science*, 3 ed. Berlin: ICSSPE, 2003. 1 CD-ROM.

HEINILÄ, Kalevi. The totalization process in international sport. *Sportwissenschaft*, n. 2, p. 235-253, 1982.

HOLANDA, Sergio B. de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JOHANSSON, M. Doping as a threat against sport and society: the case of Sweden. *Int. Rev. for Soc. of Sport*, n. 22, p. 83-97, 1987.

LENSKYJ, Helen J. J. *Inside the olympic industry, power, politics and activism*. Albany: State University of New York Press, 2000.

LOVISOLO, Hugo. *Educação física: a arte da mediação*. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

LÜSCHEN, Gunther. Before and after Caracas – drug abuse and doping as deviant behavior in sport. In: OLIN, K. (Ed.). *Contribution of sociology to the study of sport*. Jivaskyla: University of Jivaskyla Studies in Sport, Physical Education and Health, 18, 1984.

MAGUIRE, Joseph. Sociology of sport. In: HAAG, Herbert (Ed.). *Directory of sport science*, 3 ed. Berlin: ICSSPE, 2003. 1 CD-ROM.

MÜLLER, Norbert; MESSING, Manfred. *Fragen der olympischen Bewegung und olympischen Spielen nach Atlanta 1996*. Mainz: Forschungsgruppe Olympia/Johannes Gutenberg-Universität Mainz, 1996 [Trabalho não publicado].

OYEN, Else (Ed.). *Comparative methodology: theory and practice in international social research*. London: Sage Publications, 1992 (Sage studies in international sociology, v. 40).

PROKOP, Ulrike. *Soziologie der olympischen Spiele*. Sport und Kapitalismus. München: Hanser, 1971.

RAGIN, Charles. *The comparative method: moving beyond qualitative and quantitative strategies*. Berkeley: University of California Press, 1987.

RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

TAVARES, Otávio. *Mens fervida in corpore lacertoso? As atitudes dos atletas olímpicos brasileiros diante do olimpismo*. 138 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, 1998.

_____. *Esporte, movimento olímpico e democracia. O atleta como mediador*. 306 p. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, 2003.

TEUNE, H. Comparing countries: lessons learned. In: OYEN, E. (Ed.). *Comparative methodology: theory and practice in international social research*. Londres: Sage Publications, 1992, p. 38-62 (Sage studies in international sociology, v. 40).

Recebido: 4 fev. 2005

Aprovado: 16 mar. 2005

Endereço para correspondência
Rua Renato N. D. Carneiro, 780/306
Ed. DL
Vitória – ES
CEP 29052-900